**Tema: Alimentando Crianças em Creches**

Publicado em 10 de Abril de 2018 por Elça dos Santos Machado

 ELÇA DOS SANTOS MACHADO (1)

ELIANE SANTOS REZENDE MICHELATO (2)

LIDIANE DA SILVA XAVIER (3)

NORA NEY SABINO DE OLIVEIRA (4)

RAQUEL SANTOS SILVA (5)

RENATA RODRIGUES DE ARRUDA (6)

SIMONE BATISTA CAMPOS (7**)**

 **Alimentando crianças em creches**

Na Educação Infantil, trabalhamos com crianças bem pequenas, idades que variam de seis meses a cinco anos de idade. Nas turmas menores, sabemos que as crianças precisarão de ajuda para comer. Felizmente alguns professores, hoje, compreende que no início é normal algumas crianças utilizarem-se dos dedos, que nos primeiros estágios da aquisição de independência na alimentação a criança deve se sentir livre para comer e segurar os talheres do jeito que lhe for mais conveniente. A partir do momento que a criança aceitar a ajuda de um adulto para aprender a manusear os talheres, é fundamental que o adulto disponha de uma colher extra, para não precisar pegar a colher da mão da criança.

O adulto deve ter o cuidado para não colocar uma colher de comida na boca de uma criança que ainda está com a boca cheia, pois isso pode acarretar numa prática perniciosa e em consequências trazer danos aos hábitos alimentares, pressionando a criança para engolir rapidamente o que tiver na boca, como resposta à colher que estamos segurando na sua frente. Frequentemente observamos que as crianças mais velhas são advertidas por comerem muito rápido e não mastigarem os alimentos de forma adequada. Tal comportamento pode estar relacionado a atitudes impacientes dos adultos com elas, anteriormente.

Algumas crianças, principalmente as bem pequenas, podem não estar acostumadas a sentar-se à mesa. É fundamental que organizemos de forma cuidadosa o momento da refeição, criando uma atmosfera de tranquilidade, eficiência e num momento prazeroso.

É importante ficar atento e cuidar para que a rotina da creche e a "pressa institucional" não imponha uma disciplina inadequada a uma refeição saudável. Outro detalhe que pode interferir na alimentação das crianças pequenas, são as porções postas no prato de cada uma, mas que ainda estão muito quentes, pois a criança faminta, já tendo que saber manusear o talher, ainda tem que lidar mais esse obstáculo.

Atualmente é reconhecido integralmente que apesar de saber que uma criança precisa comer, não deve haver pressão para isso, em nenhuma circustância. De acordo com (Hall e Elliman, 2003 ), no Reino Unido a obesidade é um problema muito mais sério do que a desnutrição e segundo ( Douglas, 2002), tentar persuadir a criança a comer é quase sempre contraproducente.

O processo alimentar é lento e nós, educadores, temos como função incentivar a degustação de diferentes tipos de alimentos saudáveis incorporando gradativamente hábitos alimentares aos pequenos. Além disso, as crianças necessitam de um clima agradável e motivador para que suas refeições aconteçam naturalmente.

O tipo de comida oferecido na creche é importante, não somente por questões de saúde, como pelo desenvolvimento integral da criança. A comida deve ser equilibrada, saborosa e o cardápio diário deve ser elaborado por um Nutricionista, mas a princípio, não muito diferente do que as crianças comem em casa.

 As ideias a respeito de nutrição tem mudado de forma significativa ao longos dos anos, mas as mudanças no menu oferecido nas creches e as adequações devem acontecer somente após treinamentos dos funcionários que preparam a comida, diálogos com a comunidade e uma palestra esclarecedora a todos os envolvidos no processo, com a Nutricionista responsável pela instituição.

A introdução de comidas mais nutritivas e variadas no cardápio, deve ter como objetivo, criar uma dieta nutricional mais adequada e favorecer aos pais uma maior participação na educação alimentar do seu filho, de modo que os alimentos oferecidos em casa sejam proporcionais aqueles consumidos na creche.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS: Referencial Curricular Para A Educação Infantil. Educação de 0 a 3 anos: O Atendimento em Creche, ELINOR GOLDSCHIMIED E SONIA JACCKON

ELÇA DOS SANTOS MACHADO (1) Graduada em: Pedagogia e Ciências Biológicas; Especialista em Educação Infantil e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis. ELIANE SANTOS REZENDE MICHELATO (2) Graduada em: Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis. LIDIANE DA SILVA XAVIER (3) Graduada em: Pedagogia; Especialista em Educação Infantil e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis. NORA NEY SABINO DE OLIVEIRA (4) Graduada em: Pedagogia; Especialista em Educação Infantil e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis. RAQUEL SANTOS SILVA (5) Graduada em: Letras; Especialista em Educação Infantil e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis. RENATA RODRIGUES DE ARRUDA (6) Graduada em: Pedagogia; Especialista em Educação Infantil e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis.

SIMONE BATISTA CAMPOS (7) Graduada em: Pedagogia; Especialista em Gestão Escolar e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis.

HIPERATIVIDADE E INQUIETUDE

Na creche, muitas vezes as crianças são rotuladas como "hiperativas" ou diagnosticadas com transtorno de déficit de atenção. É importante lembrar que toda essa questão em torno da hiperatividade é extremamente controversa. Nos Estados Unidos, esse fenômeno tem sido considerado um problema médico, sendo tratado com drogas poderosas. Só recentemente, estão estudando em uma proposta alternativa, de que esse é um comportamento aprendido, causado por fatores sociais e ambientais (Hall e Elliman, 2003 ).

As crianças diferem, pelo temperamento, nos seus níveis de atividades, e os pais diferem em relação ao que conseguem tolerar. Para alguns uma ação da criança pode ser vista como uma simples curiosidade, um sinal de inteligência, enquanto que para outros, pode ser considerada como um aborrecimento. Algumas crianças vistas como hiperativas podem ser vítimas de expectativas inapropriadas, ter de sentarem quietas por longos períodos ou ter em seu ambiente pouquissímas coisas que desperte seu interesse. Somente em uma minoria de casos o comportamento hiperativo deve se ao dano neurológico.

Várias crianças quando recebem atividades adequadas, esse comportamento tende a desaparecer. O programa da creche também precisa oferecer atividades que desperte o interesse dessa criança. O educador precisa também avaliar o nível de habilidade da criança de controlar o próprio corpo, sua habilidade manipulativa, seu domínio de linguagem, sua utilização dos materiais parra brincar e o relacionamento com outras crianças e com as professoras.

Dessa avaliação podemos perceber que a criança é capaz, energética, mas também frustrada e entediada porque esgotou todas as possibilidades que a creche pode lhe oferecer. A creche tem suas limitações, porém pode se melhorar as coisas garantindo que os interesses e as habilidades sejam compreendidos e ampliados. A introdução de atividades simples como criação de uma horta, uso de argila para que a criança possa fazer objetos reais que possam ser pintados e utilizados para brincar, construção de bonecos de pano e a utilização de teatro de fantoches, O interesse da criança por livros deve ser fortemente estimulado, além de sua exploração dadas pelos instrumentos musicais. Além disso ,sabemos que essas crianças podem usar toda essa disposição auxiliando na organização da sala, recolhendo brinquedos, e esse tipo de responsabilidade pode ser de grande ajuda para ela.

 Todavia, observamos alguns casos mais complexos, quando a criança não consegue concentrar-se em nenhuma atividade, destrói os materiais para o brincar e corre de um lado para o outro fazendo barulho, perturbando seus colegas e dificultando a execução das atividades. Às vezes, o que pode ajudar nesses caso, é dar -lhe atenção individual, sentando ao seu lado, conversando com ela, tentando aos poucos, estimular a concentração com jogos de memória, peças de encaixe, e incentivar a capacidade de saber esperar sua vez, seguir algumas regras e assim poder participar nas brincadeiras em grupos com maior tranquilidade.

 O educador deve basear-se sempre na afetividade e no diálogo, acolhendo essa criança e mostrando aos demais colegas que ela também precisa de atenção e que muitas vezes sente se rejeitado pelo grupo.